

# Rickia

VOL. 8

DEZEMBRO 1979

## NESTE VOLUME:

- Etnomicologia caiabi, txicão e txucarramãe** [Ethnomycology of caiabi, txicão and txucarramãe indians]
- Contribuição ao inventário dos musci brasileiros: Helicophyllaceae** [Contribution to the inventory of Brazilian musci: Helicophyllaceae]
- O gênero *Chara* (Charophyceae) no Brasil. 3: Secção *Charopsis* (Kütz. emend. Rupr., Leonh.) R. D. Wood** [The genus *Chara* (Charophyceae) in Brazil. 3: Section *Charopsis* (Kütz. emend. Rupr., Leonh.) R. D. Wood]
- Índice para a literatura criptogâmica brasileira. 2. Lista Adicional da literatura briológica brasileira** [Index to Brazilian cryptogamic literature. 2. An additional list of references to Brazilian bryophytes]
- A bibliography of Brazilian marine algae** [Bibliografia das algas marinhas brasileiras]
- Ficomicetos parasitas de algas da região da grande São Paulo** [Fungal parasites of algae from the greater São Paulo region]
- Basidiomicetos do Parque Estadual da Ilha do Cardoso: I. Espécies hidnóides** [Basidiomycetes from Ilha do Cardoso State Park: I. Hydroid species]
- Cultivo unialgal de *Macrocystis pyrifera* (L.) C. Agardh de la Bahia de Concepción — Chile** [Unialgal culture of *Macrocystis pyrifera* from Bahia de Concepción — Chile]
- Basidiomicetos do Parque Estadual da Ilha do Cardoso: II. Hymenochaetaceae** [Basidiomycetes from Ilha do Cardoso State Park: II. Hymenochaetaceae]
- Record of *Parallela* (Chlorococcales, Chlorophyceae) in Brazil** [Notícia da ocorrência de *Parallela* (Chlorococcales, Chlorophyceae) no Brasil]
- Basidiomicetos do Parque Estadual da Ilha do Cardoso: III. Espécies clavarióides, teleforóides e estereóides** [Basidiomycetes from Ilha do Cardoso State Park: III. Clavarioid, telephoroid and stereoid species]



SECRETARIA DA AGRICULTURA E ABASTECIMENTO

COORDENADORIA DA PESQUISA DE RECURSOS NATURAIS

INSTITUTO DE BOTÂNICA

SÃO PAULO — SP — BRASIL

## ETNOMICOLOGIA CAIABI, TXICÃO E TXUCARRAMÃE

Oswaldo Fidalgo<sup>1</sup>  
José Massarú Hirata<sup>2</sup>

## ABSTRACT

Names and uses given to *Trametes cubensis* (Mont.) Sacc., *Pycnoporus sanguineus* (L. ex Fr.) Murr., *Trichaptum trichomallum* (Berk. & Mont.) Murr., *Lentinus crinitus* (L.) ex Fr. and *Auricularia fuscossuccinea* (Mont.) Farlow by the Brazilian indian tribes: Caiabi, Txicão and Txucarramãe from the Xingu National Park, Mato Grosso State, Brazil, are discussed. General information on **piraíp**, a lobomycosis found among the Caiabi indians is also presented. A total of 26 mycological indian names are listed and defined.

## 1. INTRODUÇÃO

A publicação de trabalho em que se procurava reunir as informações micológicas de conhecimento dos índios brasileiros, até então divulgadas ou anotadas (Fidalgo, 1965), constituiu o ponto de partida para o desenvolvimento da etnomicologia no Brasil. Dessa época até o presente, mais três estudos vieram ampliar o número de dados registrados (Prance, 1972, 1973; Fidalgo & Prance, 1976) sem, no entanto, fazerem qualquer referência aos índios das tribos Caiabi (Tupi), Txicão (Caribe) e Txucarramãe (Caiapó-Gê).

Pereira F.<sup>o</sup> (1957) assinalou a ocorrência de lesões simulando clinicamente a lepra tuberculóide em dois índios do Alto Xingu; embora, nessa oportunidade, o nome da tribo a que pertenciam não tivesse sido mencionado, tudo leva a crer, pelos fatos hoje conhecidos, que se tratassem de índios Caiabi. A efetiva comprovação, de que tais lesões ocorrem em índios dessa tribo, foi dada por P.A. Machado em 1966 no XVI Congresso Brasileiro de Higiene em Curitiba (Machado, 1972) ao relatar seu estudo sobre 11 casos de **piraíp** (ou **miraíp**, segundo Baruzzi *et al.*, 1967), então apontados como sendo uma falsa lepra. Essa doença foi assinalada em indivíduos de uma pequena aldeia habitada por cerca de 40 índios Caiabi e situada às margens do Rio dos Peixes, a 20km de sua confluência com o Rio Arinos. A aldeia fica cerca de 400km, em linha reta, a oeste do Parque Nacional do Xingu, Mato Grosso, ou seja, a 57°58' long. W Gr. e 10°40' lat. S. A doença é reconhecida, em realidade, como uma lobomicose (= blastomicose queiloideana, doença de Jorge Lobo ou blastomicose de Jorge Lobo), micose profunda causada por *Loboa lobo* (Fonseca F.<sup>o</sup> & Arêa-Leão) Ciferri, Azevedo, Campos & Siqueira Carneiro, espécie que, para al-

1. Divisão de Fitotaxonomia, Instituto de Botânica, Caixa Postal 4005, 01000 — São Paulo, Brasil.  
2. Auxiliar de Ensino, Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, SP, Brasil.

guns autores (Lacaz, 1973), deve prevalecer sob o binômio *Paracoccidibides lobo* (Fonseca F.º & Arêa-Leão) Almeida & Lacaz.

Baruzzi & al. (1967) detectaram mais nove casos de **piraíp**, entre índios Caiabi que viviam dentro do próprio Parque Nacional do Xingu, ao mesmo tempo que essa doença não era observada em qualquer representante das demais 13 tribos que coabitavam essa área. Tal fato conduz à suspeita de serem os índios Caiabi susceptíveis à lobomicose.

Até 1976, o **piraíp** constituía a única informação micológica vinculada aos Caiabi, enquanto, nada se conhecia, nesse campo, com relação às tribos Txicão e Txucarramãe.

Por duas vezes, ou seja, em 1976 e 1978, J.M. Hirata teve a oportunidade de entrar em contato com índios Caiabi do Posto Diauarum, Txicão do Posto Leonardo Vilas Boas e Txucarramãe do Sub-posto Cretire, todos do Parque Nacional do Xingu. Nessa ocasião, cinco fungos foram coletados, reconhecidos por elementos das três tribos mencionadas, conforme abaixo especificado (Tabela I) e, posteriormente, depositados no Herbário Científico do Estado "Maria Eneyda P. Kauffmann Fidalgo" do Instituto de Botânica (SP).

TABELA I  
CORRELAÇÃO DA NOMENCLATURA CIENTÍFICA COM A INDÍGENA

Fungo	Caiabi	Txicão	Txucarramãe	N.º de Herbário
<i>Trametes cubensis</i> (Mont.) Sacc.	uepó-cim	apcon	pinhamak-aca	SP 141979
<i>Pycnoporus sanguineus</i> (L. ex Fr.) Murr.	uepó-piran	apcon	pinhamak-cãmeri	SP 141976
<i>Trichaptum trichomallum</i> (Berk. & Mont.) Murr.	uepó-un	apcon	pidjo	SP 141978
<i>Lentinus crinitus</i> (L.) ex Fr.	uepó	apco-taguo	pinhamak	SP 141977
<i>Auricularia fuscosuccinea</i> (Mont.) Farlow	uepó	apco-pilao	pidjo	SP 141975

Com relação às demais informações obtidas não foi possível, até o momento, correlacioná-las a qualquer espécie.

## 2. ETNOMICOLOGIA CAIABI

O nome genérico empregado para fungos do tipo "orelha de pau" é **uepó**, às vezes, também pronunciado **ivepó**. A maioria dos **uepó** não é considerada comestível, especialmente quando com cor vermelha ou castanha. Alguns **uepó** de coloração branca ou preta são considerados comestíveis. Nenhum dos cinco fungos coletados é utilizado como alimento pelos Caiabi. No entanto, o **uepó-piran** (*Pycnoporus sanguineus*) é dito ser empregado como remédio contra sonho muito ruim (pesadelo); então, o fungo é encharcado com água e passado na testa. Os **uepó** comestíveis são em geral assados pelos Caiabi para comer como é o caso do **uepó-mutab** (= **ivepó-mutab**), um fungo não identificado. Este fungo é usualmente utilizado como alimento na estação das chuvas; é socado no pilão junto com farinha de mandioca e com essa mistura fazem uma espécie de pirão. Houve também referência a um cogumelo branco, **uepó-tamãe** (possivelmente, AGARICALES "sensu lato") que amassam e dele fazem mingau para comer; os índios Caiabi dizem que, quando o comem, as articulações começam a estalar. Para o conhecimento do vocabulário Caiabi as seguintes correlações podem ser estabelecidas:

**miraíp** ou **piraíp** = o que arde

**uepó** ou **ivepó** = orelha-de-pau; fungo comestível ou não

**cim** = branco

**un** = preto

**piran** = vermelho

Do ponto de vista taxinômico os índios Caiabi filiam-se àquelas tribos que usam o nome designativo de fungo como prefixo; no caso, este é representado por **uepó** ou **ivepó**.

## 3. ETNOMICOLOGIA TXICÃO

Os índios Txicão classificam os fungos em dois grupos conforme sejam ou não usados como alimento, a saber: 1. **apco**, designação genérica de fungos comestíveis; 2. **apcon**, denominação para fungos não comestíveis. Como se pode verificar (tabela I), dos cinco fungos coletados apenas dois são tidos como comestíveis: **apco-taguo** (*Lentinus crinitus*) e **apco-pilao** (*Auricularia fuscossuccinea*). Alguns fungos são comidos frescos, mas, usualmente preferem assá-los antes sobre a cinza e braza, embrulhados em folhas verdes. Dizem que os assam para tirar o veneno. Assim, o **apco-taguo** nunca é ingerido cru, pois, segundo eles, nessas condições provoca vômitos. Já o **apco-pilao** admitem comê-lo cru em última instância, mais frequentemente durante uma guerra ou em caminhada longa. Vários **apco** foram ainda anotados, tais como: 1. **lêrmu**: cogumelo branco da terra que comem assado e cujo gosto lembra ao da batata; 2. **marulunabum**: cogumelo pequeno e escuro que só os mais

idosos comem por estarem mais acostumados ao seu gosto forte; 3. **paching-panam**: orelha-de-pau que é assada no forno. Como **apcon** mencionaram o **compo-wolu**: cogumelo branco de cheiro ruim. Diversos outros nomes de cogumelos foram citados não ficando claro se eram ou não comestíveis. Tais como: **colê** (?); **ekpitāna** (?), **lele-panam** (= orelha-de-morcego), **maulê-buchiro** (cogumelo branco), **acaimogat** (= gordura de tatu grande) e **tagugo** (cogumelo castanho escuro que possui filamentos).

Como esclarecido, os nomes genéricos de fungos, indicativos do seu emprego ou não na alimentação, quando participam da estrutura nomenclatural, entram na forma de prefixo.

#### 4. ETNOMICOLOGIA TXUCARRAMÃE

Os fungos são utilizados pelos Txucarramãe em último caso. Os índios idosos da tribo comem fungos na ausência de outros alimentos; para tanto os secam ao sol ou os assam na chapa de fazer beiju. O fungo assado para fins alimentícios é denominado **hõnmurõ**. Os índios mais jovens sentem grande dificuldade em reconhecer os fungos comestíveis. Os fungos de madeira são chamados **pinhamak** (= orelha-de-pau) ou **pidjo** (= fruto). Dos cinco fungos coletados só um **pinhamak** foi dito não ser comestível (*Lentinus crinitus*), ou seja, o mesmo que os índios Txicão dizem provocar vômitos. Os demais dizem que podem ser eventualmente comidos, informação essa que deve ser aceita com certa reserva não só por conta da rigidez de alguns dos fungos ditos comestíveis, como também, devido à evidente falta de maior conhecimento por parte dos mais jovens. A expressão **pinhamak** é, às vezes, usada como prefixo combinado a outros nomes, como: **cāmeri** (= vermelho) e **aca** (= branco). Além desses, foi mencionado um cogumelo da terra conhecido como **cucrinincrāpin** (= cabeça-de-pau que nasce em fezes de anta).

#### 5. RESUMO

A lobomicose que ocorre entre os índios Caiabi, é por eles reconhecida e denominada **piraíp** ou **miraíp**. Como nomes genéricos designativos de fungos devem ser mencionados: 1. **uepó** ou **ivepó**, usado indistintamente pelos Caiabi para designar tanto os fungos comestíveis como não comestíveis; 2. Os índios Txicão distinguem os comestíveis como **apco** e os não comestíveis como **apcon**; 3. **pinhamak** é o nome genérico empregado pelos Txucarramãe. São referidos e discutidos um total de 26 termos micológicos indígenas.

## 6. LITERATURA CITADA

- Baruzzi, R. A., d'Andreatta-Jr., C., Carvalho, S., Ramos, O. L. & Pontes, P. L.** 1967. Ocorrência de Blastomicose queiloideana entre índios Caiabí. *Revta Inst. Med. trop. S. Paulo, São Paulo*, **9(3)**:135-142, fig. 1-6.
- Fidalgo, O.** 1965. Conhecimento micológico dos índios brasileiros. *Rickia, São Paulo*, **2**:1-10, 1 fig.
- \_\_\_\_ & **Prance, G. T.** 1976. The ethnomycology of the Sanama Indians. *Mycologia, Lancaster, Pa.*, **68(1)**:201-210, fig. 1-8.
- Lacaz, C. S.** 1973. *Micologia médica*, 5ª ed., São Paulo: Sarvier & Inst. Nac. Livr./MEC, 502 p., ilustr.
- Machado, P. A.** 1972. Regressão espontânea de lesões maculosas na Blastomicose de Jorge Lobo. *Acta Amazônica, Manaus*, **2(1)**:47-50, fig. 1-3.
- Pereira, Fº, M. J.** 1957. Os fungos da doença de Adolfo Lutz, da doença de Jorge Lobo e da blastomicose dos índios do Alto Xingu. *Revta Med. Rio Grande do Sul, Porto Alegre*, **14**:10-64.
- Prance, G. T.** 1972. An ethnobotanical comparison of four tribes of Amazonian Indians. *Acta Amazônica, Manaus*, **2(2)**:7-27, fig. 1-17.
- \_\_\_\_. 1973. The mycological diet of the Yanomam Indians. *Mycologia, Lancaster, Pa.*, **65(1)**:248-250.